

Quarteto Camões

NON STOP

QUARTETO DE CORDAS

16 de julho de 2022 · 17h00

Mosteiro de Alcobaca · Celeiro

Programa

António Victorino d'Almeida (1940 –)

*Quarteto "Meditações inquietas sobre um dia de Abril",
Op. 50 (1977)*

Eurico Carrapatoso (1962 –)

L'homme desarmé (2012)

Alexandre Delgado (1965 –)

Pequena Suite Laurissilva (2001)

L. v. Beethoven (1770 – 1827)

Quarteto n.º11, Op. 95 "Serioso" (1810–11)

Ficha artística

Pedro Meireles, *violino I*

António Figueiredo, *violino II*

Ricardo Mateus, *viola*

Martin Henneken, *violoncelo*

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



Estrutura
financiada por



Mecenas



Parceria
Estratégica



Patrocinador
Principal



Patrocinador
Rota de Cister



Parceria
institucional



Parceiros
mídia



Membro de



Organização



Biografias

Quarteto Camões

Fundado em 2014, o Quarteto Camões, sediado em Portugal, reúne quatro músicos com vincada formação na música de câmara no panorama nacional e internacional, assim como na área do ensino, onde todos têm uma carreira de relevo. Através do desejo comum de divulgar a música portuguesa como seu alicerce fundamental, não esquece o grande repertório para essa formação, passando pela primeira escola de Viena, essencial para o desenvolvimento do gosto e estética próprios desta formação. A comunhão e energia deste agrupamento propõe dividir o seu trabalho em recitais e masterclasses de música de câmara.

Pedro Meireles

Nasceu no Porto e começou a estudar violino com a sua mãe. Prosseguiu a sua formação no Conservatório de Música do Porto com Carlos Fontes e Suzanna Lidegran, terminando o curso com a classificação máxima. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, concluiu a licenciatura e o mestrado na Royal Academy of Music, em Londres, tendo-lhe sido atribuído um DipRAM, assim como o Prémio J & A Beare.

Venceu o Concurso da Juventude Musical Portuguesa aos nove anos de idade, tendo sido posteriormente galardoado com primeiros lugares em concursos como o Prémio Maestro Silva Pereira, o Prémio Marjorie Hayward, o Prémio Mica Comberti, o Prémio de Viola Theodore Holland, o Sir Arthur Bliss Memorial Prize e o Prémio de Viola Max Gilbert. Venceu também, por três vezes, o Prémio Jovens Músicos da RTP, nas modalidades de violino e viola.

Como concertista e como músico de câmara, realizou mais de duzentos concertos em algumas das mais conceituadas salas da Europa. Em 2005 apresentou o Stradivarius "Viotti" da coleção da Royal Academy of Music em concerto de gala no Victoria and Albert Museum, em Londres. Foi concertino e concertino adjunto das orquestras Royal Philharmonic, Orion Symphony, New London Orchestra, Brandenburg Sinfonia e Ashover Festival Orchestra.

António Figueiredo

António Figueiredo obteve o Diploma de Pós-Graduação da Royal Academy of Music em 1996 na classe do professor Eric Gruenberg. Membro da Orquestra Sinfónica Portuguesa do Teatro Nacional de São Carlos desde 1997. Participou vários anos na Orquestra de Jovens da Comunidade Europeia trabalhando com vários Maestros de renome como: Carlo Maria Giulini, Mstislav Rostropovitch, Bernard Haitink, Vladimir Ashkenazy, entre outros. É laureado no Prémio Jovens Músicos na edição 1989, 1.º prémio na categoria de violino.

É o concertino principal da Orquestra Sinfonietta de Lisboa.

António Figueiredo é ainda um dos membros fundadores do quarteto Vianna da Motta. Desde 2015 que tem sido convidado para integrar a Orquestra Internacional de Itália.

Ricardo Mateus

Ricardo Mateus possui uma carreira musical diversificada que o levou a tocar por todo o mundo. Iniciou os estudos musicais no Conservatório Regional de Castelo Branco com António Ramos e com António Oliveira e Silva com quem iniciou os estudos de Violeta. Licenciou-se em Violeta, na classe de Alberto Nunes.

Em 1995, foi finalista do PJM tendo sido distinguido com Diploma de Mérito. Em 1998, integrou a Orchestre des Jeunes de la Méditerranée. Desde 2005 que integra o GMCL onde participou na estreia de diversas obras, apresentou *Le Marteau sans Maître* de P. Boulez em 2.ª audição em Portugal.

Integrou a digressão *Transparente*, de Mariza, tendo realizado mais de 250 concertos nos mais prestigiados palcos de todo o mundo. Como músico convidado, já participou em diversas orquestras nacionais sob a direção de vários maestros.

Desde 2010 que leciona na Escola de Música do Conservatório Nacional. Ao longo da sua carreira de professor, vários dos seus alunos têm sido premiados em concursos nacionais e admitidos nas mais prestigiadas universidades na Europa.

Martin Henneken

O violoncelista alemão Martin Henneken nasceu em 1981 e recebeu as primeiras lições de violoncelo aos seis anos de idade. Aos dezasseis ingressou, como bolseiro, na Musikhochschule Detmold, onde estudou com Gotthard Popp. Frequentou posteriormente as academias de música de Lübeck e Viena, onde foi aluno de Troels Svane e Reinhard Latzko. Foi premiado no Concurso Nacional Alemão para Jovens Músicos e aluno da fundação Live Music Now, criada por Yehudi Menuhin.

Como membro da Orquestra Nacional Alemã da Juventude, ganhou experiência como músico de orquestra. Durante os seus estudos, foi convidado a colaborar regularmente com várias orquestras como a Filarmónica de Lübeck, a Sinfónica de Viena e a Sinfónica da Índia Mumbai. Como músico de câmara, estudou com Walter Levin, do Quarteto Lassalle, e atuou no Konzerthaus de Viena. Na temporada 2009-10 colaborou com a Ópera Nacional e a Filarmónica de Viena e participou nos festivais de Salzburgo e Lucerna. Desde 2010, é segundo solista da Orquestra Gulbenkian.

Notas de programa

Quarteto “Meditações inquietas sobre um dia de Abril”, Op. 50 (1977)

Em 1977, a revolução avançava em Portugal, concretizando ações marcadas pela esperança numa sociedade melhor, embora também cometesse erros que a todos provocariam natural preocupação. As revoluções são assim, generosas e lúcidas, por um lado, irrefletidas e injustas, por outro. E por isso, são tempos de exaltação e, simultaneamente, de inquietação.

São sobretudo tempos em que convém meditar sobre as coisas que nos rodeiam.

Eu encontrava-me em Viena quando comecei a escrever um quarteto de cordas — que era um velho desejo meu — e a música que ia surgindo refletia de certo modo esse estado de espírito, particularmente virado para reflexão.

Contudo, as transformações de múltiplas ordens que agitavam país — e até uma opinião pública estrangeira naturalmente atenta ao processo — pareciam perder todo o seu significado ou mesmo a própria existência, esvaíam-se numa fumarola impercetível no ramerrão quotidiano que se vivia nalgumas representações diplomáticas portuguesas onde o 25 de abril não passava de mais uma data do calendário anual.

Numa manhã de 25 de abril do ano em que eu compunha este quarteto, aconteceu passar por uma embaixada do nosso país onde verifiquei que nem sequer se fizera feriado e até se optara por convidar para um almoço oficial nesse dia o embaixador do Chile de Pinochet...

Nunca fui muito dado a efemérides festivas, mas esse acto indubitavelmente provocatório fez-me sentir que não bastava pensar, meditar, filosofar sobre a liberdade: seria também necessário agir, fazer algo que correspondesse ao sentimento de respeito que nos mereciam as diversas emoções desencadeadas pela revolução, fossem elas de esperança e de euforia ou até de angústia e de ceticismo.

A arrogante indiferença manifestada pela representação diplomática portuguesa surgia-me como algo de inaceitável que seria imperioso denunciar através de um protesto claro e correspondentemente provocatório.

E dentro da minha linguagem musical, essa reação refletir-se-ia naquela espécie de marcha popular que surge inesperadamente, com algo de triste na melodia, mas envolvendo ao mesmo tempo um certo espírito de inconformismo e de revolta.

A partir daí, aquilo que deveria normalmente chamar-se apenas *Quarteto Op. 50*, passou a intitular-se “Meditações inquietas sobre um dia de Abril”.

António Victorino d’Almeida

L’homme desarmé (2012)

Há já alguns anos que andava a piscar o olho a este jogo de palavras com a denominação da famosa melodia que foi usada por tantos compositores do Renascimento: *L’homme armé*.

Há também neste título um qualquer sentido de desconstrução que me interessou, ao desmistificar, através de um registo musical descontraído que atravessa esta pequena peça, o mais insigne, quiçá, dos repositórios da transcendência musical: o quarteto de cordas e os colossos para ele escritos, de Mozart a Beethoven, de Bartók a Ligeti.

Também um pouco na linha de Stravinsky, que em 1966 desconstruiu a teatralidade escatológica mais toda aquela retórica ribombante das *Missas de defuntos* românticas (Berlioz, Verdi) com o seu *Requiem Canticles* (doze minutinhos de música mais serial que teatral, seca como um carapau dos meses sem erre), a que chamava ternamente *my pocket requiem*, chegou, com este *L’homme desarmé*, a oportunidade de escrever o meu *pocket quartet*.

Eurico Carrapatoso

Pequena Suite Laurissilva (2001)

Esta peça foi escrita em abril de 2001 para Orquestra Juvenil da Fundação Musical dos Amigos das Crianças (Lisboa), com vista a um disco comemorativo da classificação que a UNESCO atribuiu à Floresta Laurissilva da Ilha da Madeira como Património da Humanidade, enquanto relíquia viva do período terciário. Cada andamento está relacionado com um aspeto da ilha: a levada, fascinantes canais de água que a atravessam; a floresta, povoada de gnomos como todas as florestas; e o pombo trocaz, outro dos seus habitantes.

A primeira versão, para orquestra, não tem grandes exigências técnicas e recorre abundantemente às cordas soltas e à primeira posição, sem deixar de explorar recursos tímbricos como *pizzicato*, *sul ponticello* e harmónicos. Na versão para quarteto de cordas, condensou-se em quatro vozes uma trama orquestral que se desdobrava em múltiplos *divisi*. Essa versão foi estreada pelo Quarteto Lacerda no Festival de Mafra em outubro de 2001.

Alexandre Delgado

Quarteto para Cordas n.º 11, Op. 95

Longe de ombrear com o cariz extrovertido e “revolucionário” do *Quarteto op. 59 n.º 1*, o *Quarteto n.º 11*, em *Fá menor*, Op. 95 inflêete, ao invés, nos meandros da interioridade, procurando captar os estados psicológicos em constante mutação, como de um drama teatral se tratasse. A composição simultânea da partitura de cena Egmont, sobre texto de Wolfgang von Goethe, deixou, com efeito, marca indelével nas texturas deste quarteto, as quais evoluem de uma atmosfera recatada e pontuada por momentos de amargura em direção à expressão triunfante de alegria e conquista. A sua faceta mais “obscura” teve igualmente a ver com o afastamento da jovem pianista austríaca Therese Malfatti (1792–1851), com quem o músico chegara a pensar casar-se, segundo a tese do musicólogo Hugo Riemann.

A sensação de isolamento, aliada à tendência para a introspeção e para o reequacionar da vida, terão estado na origem do subtítulo “Quartetto serio”, atribuído pelo próprio compositor.

Rui Cabral Lopes



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais do festival.

Consulte a programação completa em www.cistermusica.com

